

Nacionalismo ameaça dividir países, diz Morin

GÉRARD DUPUY

Do "Libération"

O nacionalismo volta à ordem do dia. O stalinismo triunfante fez pesar um longo inverno glacial sobre o leste do continente eurasiático. Sua derrocada liberta as reivindicações nacionais que acreditávamos frequentemente ultrapassadas, quando estavam apenas adormecidas. Seja qual for a condenação moral provocada pela colocação em prática destes diversos nacionalismos, somos obrigados a constatar a vitalidade atual do mito do Estado-nação.

A Europa ocidental, a seu próprio modo mais suave, também acreditava ter ultrapassado os egoísmos nacionais, graças a uma construção racional e prudente. Os defensores do tratado de Maastricht (de unificação europeia) demonstram, em graus diversos nos doze países, que a massa dos que não estão tão ansiosos assim por seguir esse caminho é considerável. Simultaneamente, uma parte dessas pessoas cultiva uma xenofobia tingida de racismo, que vai dos seguidores de Le Pen aos neonazistas alemães.

Neste momento, o Estado nacional está sendo questionado no próprio cerne da velha Europa que o viu nascer. É preciso voltar ao tema da "nação", não para execrá-la nem para exaltá-la, e sim para compreendê-la.

O sociólogo francês Edgar Morin é observador atento desse fenômeno há muito tempo. Ele sempre se interessou pelo elemento de "irracionalidade" que aflorava nos fenômenos sociais. Muito além de sua formação marxista, elaborou uma teoria da "complexidade", desenvolvida nos quatro volumes de "La Méthode". Ele publicou recentemente "Terre-Patrie", um resumo de sua reflexão política sobre a chegada do próximo século.

★
Pergunta - Nação, nacionalismo, nacionalidade: o senhor poderia nos apresentar essas palavras?

Edgar Morin - Podemos dizer que a palavra "nação", da Antiguidade ou da Idade Média, indica o que hoje poderíamos chamar de "nacionalidades" ou "etnias". O Estado-nação é uma criação da Europa moderna, que inventa no-

vos espaços de civilização seguindo uma fórmula bem mais ampla do que a citada e bem mais integrada do que o império. A França é um caso típico de constituição de uma entidade nacional a partir de etnias heterogêneas.

Pergunta - Como essa integração acontece?

Morin - O interessante é que a nação poliétnica precisa não apenas de duração para se integrar, mas também de um mito reunificante que una subjetivamente os membros das diferentes etnias num espírito de comunidade: é o mito matri-patriótico. Digo matri-patriótico porque a palavra pátria é feminina e masculina ao mesmo tempo, aliando a idéia de "pátria-mãe" àquela da autoridade paterna. Uma nação em tempos normais é submetida a conflitos internos, mas no momento do perigo ela se torna uma comunidade de compatriotas que se sentem fraternais enquanto "filhos da pátria". A Revolução Francesa enriquece a fórmula. O povo se torna cidadão e o cidadão se torna soldado. Ele incorpora sua identidade nacional e esse é o ponto de partida do que vamos chamar de nacionalismo.

Pergunta - Pode-se afirmar que hoje a idéia de nação passa por uma expansão mundial?

Morin - Às vezes a idéia nacional é anterior não apenas ao Estado, mas ao território e até mesmo à língua. A idéia do sionismo, nascida no império austro-húngaro, se difunde nas diásporas judias da Europa, consegue se concretizar algumas dezenas de anos mais tarde num território palestino e ressuscita uma língua desaparecida há dois mil anos. A idéia de Estado-nação se beneficiou de uma dupla aspiração nas terras de civilização antiga que haviam sofrido a hegemonia do Ocidente europeu: por um lado, a aspiração de conservar sua identidade própria, e de outro a aspiração de atingir os mesmos desempenhos que o Ocidente.

Pergunta - Foi o caso do Japão a partir da era Meiji?

Morin - No Japão constituiu-se um sistema de "dupla identidade" que funcionou admiravelmente durante quase um século: ser totalmente ocidental nas relações com o mundo técnico e econômico, e permanecer integralmente

japonês na vida particular e pessoal. Agora o sistema está entrando em crise devido às mulheres: as mulheres jovens estão se recusando, cada vez mais, a permanecer em casa, onde elas poderiam manter a tradição japonesa.

Pergunta - Essa matriz dos Estados-nações está hoje ganhando atualidade?

Morin - É preciso compreender que hoje estamos vivendo um momento de retorno às origens. Ora, quando o futuro está perdido, podemos nos concentrar no presente. Quando o presente está enfermo, refugiamos-nos no passado e revalorizamos as raízes étnicas, nacionais, religiosas.

Pergunta - E essas diferentes raízes se reforçam uma à outra?

Morin - Na Iugoslávia, por exemplo, onde havia as mesmas

raízes étnicas para todos, as histórias separadas durante 1.500 anos criaram comunidades com destinos diferentes, enquanto as religiões hostis aumentaram essas diferenças e exacerbaram as dissociações. Mas foi preciso a crise gigantesca do comunismo e os inextrincáveis problemas das minorias para exacerbar os nacionalismos numa reação em cadeia.

Pergunta - O caso da Iugoslávia não é uma exceção — é simbólico da situação do Leste europeu...

Morin - Todos esses países têm por traço comum uma experiência de muitos séculos no seio de grandes impérios multinacionais: império otomano, império austro-húngaro, império czarista russo. No decorrer dos séculos, foram se constituindo mosaicos de popula-

ções diversas. Temos ali o duplo problema das minorias: as minorias que estão no exterior, sob domínio estrangeiro, e as minorias estrangeiras que se encontram no interior e aspiram à emancipação. É sob essas condições que o nacionalismo, excitando a agressividade contra o outro, acrescenta um fermentar de ódio e de guerra. Isso mais ainda na medida em que hoje são nacionalidades ou etnias às vezes minúsculas que querem se tornar Estados-nações. As linhas sísmicas frequentemente acompanham as fronteiras religiosas: o nacionalismo exacerba o ódio religioso e o ódio religioso exacerba o nacionalismo. Não nos esqueçamos que nada está resolvido no barril de pólvora do Oriente Médio.

Pergunta - A reivindicação micronacionalista também existe hoje sem divergências religiosas?

Morin - Assistimos até mesmo a estranhos impulsos separatistas em nações antigas, como o caso da Liga Norte, na Itália. A Itália talvez não seja uma nação muito velha, mas ela tem antecedentes comuns muito fortes. É possível que dentro em breve assistamos a um divórcio belga, entre flamengos e valões. Mas é preciso, sem dúvida alguma, traçar uma distinção muito clara entre os "divórcios de veludo" e as dissociações brutais. Um mesmo processo evolutivo pode criar formas associativas novas, mas se for acelerado excessivamente torna-se explosivo. Foi o que aconteceu na Iugoslávia, e de forma até agora menor na URSS.

Pergunta - O senhor vê com pessimismo o futuro dessa região.

Morin - É que no Leste existem três crises em uma: a crise econômica, pela qual as populações perderam as seguranças do antigo regime sem terem conquistado o bem-estar esperado do novo; a crise política, pela qual democracias muito frágeis correm o risco de serem carregadas; e a crise nacional nascida dos problemas das minorias, novas fronteiras, redistribuição das armas etc. Entretanto, ainda restam elementos positivos nesse quadro todo. Apesar de seu futuro ser incerto, a Rússia até agora não se deixou levar pela febre nacionalista. No Oeste, não houve um redespertar

dos chauvinismos adormecidos, que entretanto foram muito virulentos durante a Segunda Guerra Mundial.

Pergunta - Os nacionalismos europeus, sobretudo o alemão e o francês, não redespertaram, exceto em alguns deslizos bastante graves nesses dois países.

Morin - O que esqueci de dizer é que na fase atual, o nacionalismo no Ocidente assume uma forma introvertida, contra o estrangeiro no interior, visto como invasor, e não contra aquele do exterior. Uma síndrome muito grande de insegurança, ligada especialmente à perda do futuro, à degradação das condições de vida, alimenta a experiência concreta da insegurança de certos bairros e subúrbios; temores e furores se concentram, então, sobre o imigrado e designam como inimigo o cosmopolitismo sem raízes. Se considerarmos mais profundamente o problema do nacionalismo e do cosmopolitismo, eu diria que todos os retornos à origem da identidade são legítimos. O cosmopolitismo abstrato é fraco. Ademais, a nação sempre derrotou as idéias internacionalistas abstratas. A nação venceu em 1914, contra as duas forças internacionalistas e pacifistas muito fortes que eram os partidos socialistas francês e alemão.

Pergunta - Vem daí a idéia de seu livro, de um "retorno às origens" não agressivo?

Morin - Se o retorno às origens me parece legítimo, o único antidoto ao retrocesso é operar um retorno às origens mais amplo, mais profundo e anterior; é minha idéia de "Terra-Pátria". Aquém de nossos ancestrais culturais, temos ancestrais primordiais nas próprias origens da humanidade, nascida na África austral. Participamos da mesma identidade terrena, da mesma identidade humana. Assim, o retorno às origens em profundidade faz de nós irmãos em humanidade. Ao mesmo tempo, a consciência de nossa era planetária nos torna cidadãos do mundo, que poderíamos e deveríamos estar conscientes de nosso destino comum. Minha idéia, em suma, é não opor o desenraizamento ao enraizamento. É promover o grande reenraizamento na Terra-Pátria.